
O dia em que o verbo se fez pancada na TV acreana¹

Francisco de Moura PINHEIRO²
Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC

Resumo

No segundo semestre de 2010, durante a campanha eleitoral aos diversos cargos políticos que deveriam ser preenchidos no ano seguinte, a emissora acreana TV 5, com sede em Rio Branco, capital do Estado do Acre, repetidora da programação da Rede Bandeirantes de Televisão, criou um programa de entrevistas, cujo intuito era divulgar o pensamento e as propostas dos candidatos locais. O programa, entretanto, acabou tornando-se palco de uma inusitada cena de luta corporal, ante a divergência de opiniões entre o apresentador, jornalista Demóstenes Nascimento, e o candidato a senador João Correia Lima Sobrinho. A intenção deste artigo é tecer considerações sobre o aludido fato, a partir do pensamento de autores como, entre outros, Dominique Wolton, Marilena Chauí, John Thompson, Lúcia Avelar e Thais Oyama.

Palavras-chave: comunicação; eleições; ideologia; política; televisão.

1. Irritação, abandono e destruição do cenário

Desentendimentos entre participantes de programas de entrevistas na televisão não são assim tão raros de acontecer. Entrevistados irritados, às vezes com a insistência, às vezes com o tom inquisitorial, às vezes com a marcação de um ponto de vista previamente formado, da parte do jornalista/entrevistador, apesar da bizarrice da situação, configuram-se mais comuns do que pode supor a imaginação do telespectador menos atento, principalmente os que buscam no veículo somente o entretenimento.

Determinados apresentadores, pela sua postura provocadora, em algumas situações para atender o perfil do programa apresentado, são verdadeiros especialistas na “arte” de fazer o entrevistado perder a cabeça. Desse modo, sucedem-se os desconfortos, as agressões verbais e o abandono do cenário por parte do entrevistado, principalmente quando se trata de programas de humor ou de cunho policial. Uma busca no canal www.youtube.com pode confirmar facilmente essas afirmações.

¹ Trabalho apresentado no DT8 – Estudos Interdisciplinares do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de maio de 2017.

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e jornalista na Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: fdandao@gmail.com.

A entrevista concedida pelo publicitário, empresário, escritor e apresentador de televisão Roberto Justus, no segundo semestre de 2013, ao humorista, cartunista, escritor, repórter, ator e também apresentador Danilo Gentili, disponível no endereço <http://www.youtube.com/watch?v=EfCOZXz1aI8>, é um bom exemplo de desconforto causado pela diferença de entendimento de um mesmo tema entre entrevistado e entrevistador.

Por sua vez, o apresentador José Luiz Datena, de acordo com o mesmo canal de veiculação de vídeos, parece ser expert em permanecer em cena falando sozinho. O exemplo presente neste texto está disponível no endereço <http://www.youtube.com/watch?v=savAVLuKJW4>. Datena entrevista um senhor de nome Carlos, supostamente ligado a algum órgão da aviação civil brasileira, sobre um acidente ocorrido no aeroporto de Congonhas (São Paulo), em julho de 2007.

No caso da entrevista de Danilo Gentili com Roberto Justus, o vídeo de 4:51 inicia com o apresentador explicando ao entrevistado a história e a repercussão de duas piadas politicamente incorretas contadas pelo primeiro. Uma piada envolvendo um macaco e um jogador de futebol. Outra piada envolvendo personagens judeus. Nos dois casos, segundo Gentili, muitas pessoas se ofenderam. Sobre a primeira piada, a do macaco e do jogador de futebol, Gentili afirma que manteve o que disse e não pediu desculpas, sendo ainda mais criticado por isso. Sobre a segunda piada, a dos judeus, Gentili garante que se desculpou, mas foi também muito criticado, sob o argumento de que as desculpas não eram verdadeiras. Roberto Justus replica afirmando que o humor não deveria/poderia ser ofensivo. A entrevista continua em clima de total desconforto.

Na entrevista de José Luiz Datena com o senhor Carlos, o entrevistador tenta forçar o entrevistado a demonizar as operações praticadas no aeroporto de Congonhas, em face de um acidente em um dia de chuva, quando um avião da TAM, não conseguindo parar, atravessou toda a pista e se espatifou contra um prédio, matando todas as pessoas a bordo. De acordo com o vídeo, com duração de 4:38, num dado momento, tanto o entrevistador interfere na resposta que o entrevistado chega a dizer que não sabe o que o primeiro quer que ele responda. Datena diz que o entrevistado pode responder o que quiser, mas continua usando um tom inquisitorial, tentando, nitidamente, arrancar respostas que reforcem uma espécie de convencimento prévio. O convencimento de que o aeroporto de Congonhas não tem condição de

operacionalidade. Quando Datena anuncia o intervalo comercial, mas não o fim da entrevista, o entrevistado aproveita para ir embora, ante o espanto do entrevistador.

As agressões físicas entre entrevistador e entrevistado ou entre debatedores, em se tratando de figuras públicas ligadas a questões políticas são, porém, aparentemente, menos frequentes. Uma busca no mesmo canal citado nos parágrafos anteriores é que leva a supor esse entendimento. Mas elas também acontecem. Um exemplo é a briga entre dois jornalistas jordanianos, que participavam de um debate sobre a crise vivida pela Síria. Shaker al-Jawhary, chefe da Associação de Mídia Eletrônica na Jordânia, e Mohammad al-Jayousi, editor-chefe de um portal, participavam do programa “Entre dois caminhos”, do canal *Seven Stars*, quando, esgotadas as argumentações verbais de lado a lado, ambos seguraram a mesa que os separava e investiram um contra o outro, destruindo o cenário, numa briga que só parou com a intervenção de terceiros.

Para efeito de melhor compreensão das origens do conflito em andamento na Síria, e de como, em determinadas situações, os programas de televisão não ajudam a esclarecer os fatos, convém acrescentar que a presidência do referido país se dá a partir de uma estratégia de ascensão familiar. Bashar Hafez al-Assad, um médico oftalmologista sem militância política anterior, acabou se vendo na obrigação de suceder seu pai, Hafez al-Assad, na direção do país, depois da morte deste, em junho de 2000, uma vez que o sucessor natural, Basil al-Assad, irmão mais velho de Bashar, havia morrido antes em um acidente aéreo. Hafez, pai de Bashar, havia permanecido no poder por 30 anos. Mas não fora capaz de conduzir o país a um processo de desenvolvimento econômico ou a abertura política pertinente. Bashar era a esperança de tudo isso, mas os seus anos no cargo frustraram a expectativa da maioria da população.

Logo após o início das manifestações de rua contra o seu governo, Bashar ainda tentou incrementar medidas de compensação que pudessem acalmar o país, reconhecendo publicamente que era preciso atender as aspirações populares. E assim, tratou de suspender o “estado de emergência” (seja lá o que isso signifique) em que o país se encontrava há vários anos, aumentou o salário mínimo e aumentou o salário dos funcionários públicos. Mas isso foi insuficiente para acalmar as manifestações do povo, que desejava reformas políticas mais amplas e passou a exigir a sua deposição. A consequência natural desse choque de vontades foi uma violenta repressão das manifestações populares pelas tropas de Bashar que, por conta disso, foi acusado de crimes contra a humanidade pela oposição interna e pela comunidade internacional.

Shaker al-Jawhary e Mohammad al-Jayousi deveriam participar do debate para explicar as (des)razões desse conflito na Síria, país árabe do sudoeste asiático, habitado por pouco mais de 22 milhões de pessoas, dirigido desde 17 de julho de 2000 pelo político anteriormente citado, sacudido por uma guerra civil iniciada em 2011 e que já vitimou, segundo estatísticas oficiais, mais de 100 mil pessoas. Um conflito que teve o seu epicentro a partir dos elevados índices de desemprego registrados no país, além de uma situação econômica em deterioração, bem como a falta de apoio da parte do governo às classes mais desfavorecidas. Todos esses fatores foram determinantes para a insurreição popular, iniciada nas cidades de Damasco, Aleppo e Daraa, devidamente combatida pelo Exército sírio, por ordem do presidente Bashar. Shaker e Mohammad perderam, no entanto, a oportunidade de proceder a uma apurada análise da situação.

2. Homens em conflito: esgotados os argumentos, restam socos e pontapés

No segundo semestre de 2010, um caso talvez ainda mais estarrecedor do que o dos jornalistas jordanianos aconteceu em Rio Branco, capital do Estado do Acre, na parte mais ocidental da Amazônia brasileira. Os dois contendores (entrevistado e entrevistador) não chegaram a destruir o cenário, como os jordanianos o fizeram, mas se engalfinharam em luta corporal, chegando a rolar no piso do estúdio a socos e pontapés.

Transcorria o período de propaganda eleitoral aos cargos de presidente da República, governador, deputado federal e deputado estadual e a emissora de televisão denominada TV 5, retransmissora do sinal da Rede Bandeirantes de Televisão, entendeu por bem produzir um programa de entrevistas com os candidatos, dando-lhes oportunidade de falar sobre as suas propostas de trabalho. A gravação do programa, apresentado pelo jornalista Demóstenes Nascimento, transcorreu sem quaisquer anormalidades com o primeiro candidato, até que surgiu a vez de ser entrevistado o ex-deputado federal João Correia Lima Sobrinho, postulante ao cargo de senador pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

Antes, porém, de se passar à narrativa do fato, convém destacar de forma resumida a história da referida emissora, que foi inaugurada em abril de 1996, a partir da iniciativa dos empresários Normando Sales e Alécio Dias, ambos ligados a partidos políticos locais. No decorrer do tempo, a TV 5 mudou de mãos várias vezes, chegando ao dono atual, empresário Pedro Neves, sem militância ou preferência política

declarada, embora seja evidente nos produtos jornalísticos veiculados pela emissora a tendência a mostrar o lado bom do governo acreano do Partido dos Trabalhadores (PT).

No que diz respeito à cena de pugilato entre jornalista e candidato, de acordo com uma das múltiplas versões que podem ser encontradas na internet, especificamente a versão que consta no endereço <http://www.youtube.com/watch?v=XuCxYPga4xs>, o que o vídeo inicia mostrando é o que parece ser uma sequência da entrevista. O apresentador lembra aos telespectadores que se trata de uma segunda rodada de entrevistas e diz quem é o entrevistado, bem como suas pretensões eleitorais. Lembra também qual era o tema que estava sendo tratado antes dos anúncios comerciais. Nesse instante já se percebe alguma ansiedade do entrevistado, quando este completa a frase que havia sido iniciada pelo apresentador, no momento em que este lembra o assunto que estava sendo abordado antes do intervalo: a questão da segurança pública.

O questionamento do apresentador era sobre o que um senador poderia fazer para ajudar a sociedade no quesito segurança pública. O candidato responde que segurança pública não é somente uma questão de polícia, mas também, ou principalmente, uma questão de política pública. Para provar a sua tese, ele passa a discorrer sobre as mazelas sociais dos bairros periféricos das grandes cidades. Segundo Correia, o fato corriqueiro é que as meninas enveredem pelo caminho da prostituição, enquanto que os meninos se envolvem com o tráfico e o consumo de drogas, frequentando desde cedo “bocas de fumo” que, no dizer dele, são mais de 500 na cidade de Rio Branco. Nesse ponto, o discurso de Correia, que deixa de lado a perspectiva de diálogo com o apresentador e olha para a câmera para dar a impressão de falar com o telespectador, descamba para o tom da propaganda política, no sentido da demonização do adversário, ao afirmar que grande parte da juventude que era criança quando os atuais dirigentes do Estado chegaram ao poder, estaria agora em penitenciárias.

Depois desse preâmbulo, o candidato passa a falar dos seus projetos para o Estado, caso seja eleito para o cargo de senador, mas, aparentemente sem conexão com o tema da segurança pública, objeto inicial da pergunta. Correia diz que um dos projetos que ele mais se preocupará quando chegar ao Senado da República diz respeito à questão da reforma agrária. Nas palavras de campanha dele, o Acre deve ter uma produção agrícola e agroindustrial competente, sem perseguição, sem ódio, com um trabalho integrado pelos governos federal e estadual. Isso, diz o candidato, permitirá que os criadores e plantadores possam gerar matéria prima para o setor industrial local.

Nesse ponto, Correia deixa de lado os projetos e volta seu discurso para o desempenho do governo dos seus adversários, afirmando que na atualidade não se veem esses cuidados por parte dos políticos acreanos, tornando o estado das coisas lamentável.

A partir desse instante, mudando a sua postura anterior e passando a olhar, alternadamente, para a câmera e o apresentador, como se quisesse dividir a direção da mensagem, o candidato começa a elencar as culpas do governo petista acreano. No dizer de João Correia, “hoje o Acre não produz absolutamente nada da sua alimentação, da sua habitação, da sua educação, do seu vestuário e da sua saúde” (<http://www.youtube.com/watch?v=XuCxYPga4xs>). Correia continua o seu argumento explicando que a produção deve ser local, uma vez que ao se comprar produtos de outros lugares, se está exportando os empregos que deveriam ficar em solo acreano. O candidato completa o seu raciocínio afirmando que os dirigentes acreanos não tem o direito de exportar empregos, dada a enorme carência interna.

Em seguida, João Correia vincula as mazelas do momento da vida dos acreanos, segundo seu ponto de vista, à ideologia implantada pelo governo petista do Estado, sintetizada no neologismo “florestania”, cuja essência diz respeito à preservação ambiental e ao desenvolvimento sustentável. No entendimento do candidato, a florestania só fez uma maquiagem no centro de Rio Branco, capital do Acre. E, pior do que isso, sem nenhum tipo de riqueza gerada internamente, mas sim com empréstimos em organismos de financiamento internacional. Dessa forma, explica Correia, os petistas perderam a oportunidade de mudar a estrutura econômica e social do Estado. Apesar, no raciocínio do candidato, de o PT estar simultaneamente na direção dos governos municipal, estadual e federal, nada de efetivo foi feito nesse sentido.

Nesse ponto, o entrevistador interrompe o discurso do entrevistado perguntando se na concepção dele o Acre não teria mudado nos três mandatos do governo petista. O entrevistado responde que mudou muito pouco. O entrevistador volta à carga, aparentemente com certo grau de incredulidade e demonstrando discordar do entrevistado, inquirindo se de fato este acha que a mudança foi muito pouca. João Correia responde fazendo alusão à construção da BR-364, no trecho entre Rio Branco e Cruzeiro do Sul (cidades acreanas), afirmando que o governo petista fez lavagem de dinheiro para levar a cabo a obra, desviando os recursos públicos alocados para tal fim. E para sustentar o seu argumento, faz uma relação entre a referida estrada e o Canal do Panamá. Segundo o candidato, esta última obra levou dez anos para ser concluída,

enquanto que o asfaltamento do trecho de, aproximadamente, 700 quilômetros entre as referidas cidades já se arrasta há 12 anos.

Percebendo que a entrevista deriva para o lado das denúncias políticas, o apresentador interrompe o entrevistado, dizendo-lhe que não gostaria que o programa fosse penalizado pela justiça eleitoral. O candidato responde com indignação, dizendo não entender por quais motivos o programa seria penalizado, repetindo a questão da lavagem de dinheiro supostamente perpetrada pelos membros do PT. Os dois personagens passam a falar ao mesmo tempo, nitidamente sem ouvir um ao outro. O tom do jornalista é de conciliação, enquanto que o tom do entrevistado é de irritação. O jornalista lembra ao entrevistado que a ideia do programa é discutir propostas de trabalho. O entrevistado garante que é isso que ele está fazendo e que a sua proposta de trabalho passa pela transparência na construção da estrada aludida, afirmando que o desvio de recursos configura-se numa barbaridade e que povo acreano precisa ter ciência disso.

Ao se dar conta que a situação está saindo do controle e que não há maneira de fazer o entrevistado voltar o seu foco para responder as perguntas, tirando o tom de palanque das suas respostas, o entrevistador avisa que vai ser obrigado a interromper a gravação. Essa atitude do entrevistador causa mais irritação no entrevistado, que passa a falar e gesticular na direção do primeiro, dizendo que é isso que a mídia local costuma fazer. Segundo ele, a entrevista vai ser cortada porque ele está dizendo que o governo do PT é corrupto. Os ânimos se exaltam e o jornalista chama o candidato de desequilibrado. O entrevistado responde afirmando que o jornalista é um sujeito vendido, empregado do governo. Em réplica, o jornalista lembra ao entrevistado que ele participara, quando deputado federal, de um esquema de desvio de recursos na compra de ambulâncias, conhecido como “máfia das sanguessugas”, e que o mesmo não tinha moral para falar de ninguém. Daí em diante não houve mais chance de entendimento, com entrevistador e entrevistado apenas vociferando impropérios de parte a parte.

No ápice da discussão, o candidato diz que o entrevistador é um parasita, “um merdinha de nada” (<http://www.youtube.com/watch?v=XuCxYPga4xs>). O apresentador rechaça a ofensa, alertando o entrevistado que o está tratando com educação. O entrevistado ironiza e fica repetindo que o entrevistador não passa de um lacaio. O entrevistador olha direto para a câmera dizendo que vai encerrar a entrevista por não haver condição de conversar com o cidadão ali ao seu lado. Enquanto isso, o

entrevistado continua vociferando impropérios, chamando o entrevistador de laçao e empregado do governo.

A gravação sobre esse esdrúxulo incidente interrompe-se por cerca de dez segundos. Quando a cena volta, os dois personagens estão de pé proferindo palavrões e trocando sopapos. Aparece um terceiro personagem, provavelmente um cinegrafista, tentando impedir que a situação piore. Um quarto personagem entra no quadro para tirar o microfone do entrevistado. Mas nem a entrada de duas pessoas alheias à discussão serve para apaziguar os ânimos. Os dois contendores se desvencilham dos personagens secundários e passam a se agredir a socos e pontapés. Eles rolam pelo chão do estúdio. Como a câmera está fixa, eles praticamente saem do quadro, mas sempre em luta corporal. Em um momento, pelos movimentos do jornalista, depreende-se que ele chuta o candidato caído ao solo. São 30 segundos de pancadaria até que os dois “lutadores” possam ser separados pelos outros dois personagens que entraram na cena.

A gravação continua por alguns segundos focalizando somente as duas cadeiras vazias onde os dois “lutadores” estiveram momentos atrás. Um funcionário da emissora caminha para um lado e outro, aparentemente chocado com o que acabara de presenciar. Curiosamente, a fotografia que ilustra a parede do estúdio é a de uma estrada asfaltada.

3. O significado da comunicação e as fontes do poder

Por se tratar de uma peça gravada, o grotesco da situação envolvendo o jornalista entrevistador e o candidato a senador entrevistado não chegou a ser exibido pela emissora de televisão. Parte da gravação, porém, foi postada no canal youtube. Os fatos que antecederam o bloco em que os ânimos se exacerbaram, onde eventualmente poderiam ser encontrados elementos que permitissem ser procedida uma análise mais apurada do fato, não foram disponibilizados ao público. Mesmo assim, é possível fazer várias inferências e tecer outras tantas observações a partir do material disponibilizado.

Dadas as limitações de espaço, as inferências e análises aqui apresentadas se aterão a quatro aspectos: o significado da comunicação, a relação entre mídia e demais fontes de poder, a importância da televisão nas campanhas eleitorais e as implicações da exacerbção do embate ideológico entre entrevistado e entrevistador.

No tocante ao primeiro aspecto, o significado da comunicação, não resta dúvida de que essa é a principal questão da vida humana. Nenhum homem ou mulher, qualquer que sejam os elementos da sua cultura ou da sociedade em que habitam, pode prescindir

dos atos de comunicação, estando o referido fenômeno na essência das relações pessoais, sociais, familiares e políticas, tanto faz se em nível próximo, ao toque das mãos e ao alcance do olhar, quanto em nível distante, planetariamente falando.

A comunicação é sempre a busca da relação e do compartilhamento com o outro. Atravessa todas as atividades: lazer, trabalho, educação, política; concerne a todos os meios sociais, a todas as classes sociais, a todas as idades e a todos os continentes, tanto aos ricos quanto aos pobres. É ao mesmo tempo símbolo de liberdade, de democracia, de abertura, de emancipação e de consumo, enfim de modernidade. Hoje todo mundo quer comunicar e ter acesso às ferramentas mais performáticas; todo mundo quer experimentar essa busca do outro que a comunicação significa em primeiro plano. (WOLTON, 2006, p. 13)

Apesar de tudo isso, porém, é certo que a comunicação tem sido, constantemente e cada vez mais, desvalorizada, manipulada e reduzida a um instrumento de proveito restrito. E mesmo a aldeia já havendo se tornado global, dado em boa parte à contemporânea tecnologia das comunicações, não foram reduzidas as desigualdades, nem as mentiras, nem a violência, configurando-se, dessa forma, um cenário na contramão do que se espera materializar na vida de seres comunicantes. No dizer de Wolton (2006, p. 13), argumentando sobre este tema, “os homens matam e mentem na transparência, como o faziam antes na obscuridade e no segredo. A intolerância e o desejo de poder crescem sem dificuldade à sombra dos satélites e das redes”.

As peças mostradas na televisão, nos casos genéricos trazidos à baila na primeira parte deste texto, bem como, de forma específica, no caso da briga no estúdio da emissora de TV acreana, demonstram que a tolerância entre os pretensos seres comunicantes está longe de ser alcançada. A fragilidade do processo comunicativo nos tempos pós-modernos, seguindo o pensamento de Wolton (2006, p. 11), se estabelece no fato de que não pode haver comunicação sem respeito ao outro. “E nada é mais difícil do que reconhecer o outro como seu igual, sobretudo se não o compreendemos” (WOLTON, 2006, p. 11). Comunicar é ser, buscando a própria identidade e autonomia, reconhecendo a importância do outro, explica este autor. “Comunicar é também agir. Mas é igualmente admitir a importância do outro, portanto, aceitar nossa dependência em relação a ele e a incerteza de ser compreendido por ele” (WOLTON, 2006, p. 15).

O desafio que nos impõe, então, ainda de acordo com o pensamento de Wolton (2006, p. 10) é o de achar uma maneira de “reconciliar a realidade técnica e econômica da comunicação com sua dimensão social, cultural e política”. Em outras palavras: salvar a comunicação, preservando a sua dimensão humanística. Para que isso possa ser

compreendido e, eventualmente, praticado, Wolton (2006, p. 10) explica que o essencial da comunicação “não está do lado das técnicas, dos usos ou dos mercados, mas do lado de ligar ferramentas cada vez mais performáticas a valores democráticos (...)”. Tudo o que não fizeram, talvez por desconhecer esses valores, os personagens da entrevista levada a efeito na TV 5, objeto central de discussão do presente artigo.

No que se refere à relação entre mídia e demais fontes de poder, é esclarecedor o pensamento de Thompson (1998), para quem são quatro as principais vertentes balizadoras das relações e comportamentos sociais: “econômica”, “coercitiva”, “política” e “simbólica”. De forma complexa e variada, essas vertentes interagem e se sobrepõem umas às outras. Considerando essas vertentes de caráter essencialmente analítico, Thompson (1998, p. 22) explica que “elas refletem os diferentes tipos de atividades das quais os seres humanos se ocupam, e os diversos recursos de que se servem no exercício do poder”.

No tocante à vertente do “poder econômico”, ela se configura na atividade humana produtiva como a sua força motriz. “A atividade produtiva implica o uso e a criação de vários tipos de recursos materiais e financeiros, que incluem matéria prima, meios de produção (...), produtos de consumo e capital financeiro” (THOMPSON, 1998, p. 22). A acumulação desses recursos, tanto faz se por indivíduos ou organizações, faz aumentar o respectivo poder econômico.

A vertente do “poder coercitivo” se configura pelo uso da força física ou ameaça para que um adversário seja subjugado. Essa força física, que não precisa ser, necessariamente, humana, pode ser aplicada de diversas maneiras, sendo que do ponto de vista histórico, quem mais faz uso dessa força são os militares. “Tradicionalmente, o poder militar tem sido usado tanto para a defesa e conquistas externas quanto para a pacificação e o controle internos”, explica Thompson (1998, p. 24).

A vertente do “poder político” diz respeito à coordenação dos indivíduos e da regulamentação dos padrões de sua interação. “Todas as organizações”, de acordo com os ensinamentos de Thompson (1998, p. 22), “implicam algum grau de coordenação e de regulamentação, e por isso também certo grau de poder político nesse sentido”. Algumas instituições, entretanto, dedicam-se exclusivamente à coordenação e à regulamentação, tratando de desempenhar suas atividades dentro de um espaço delimitado e de maneira centralizada. “Estas instituições abrangem o que geralmente é conhecido como estado – a instituição paradigmática do poder político” (THOMPSON,

1998, p. 23). Todos os estados, ou instituições paraestatais, de acordo com Thompson (1998, p. 23), “são essencialmente sistemas de autoridade. Implicam um complexo sistema de regras e procedimentos que autorizam certos indivíduos a agirem de determinadas maneiras”.

A última das vertentes é que se refere ao “poder simbólico”. Também denominado “cultural”, esse poder “nasce na atividade de produção, transmissão e recepção do significado das formas simbólicas” (THOMPSON, 1998, p. 24). Fundamental na vida social, a atividade simbólica interage em um mesmo nível com as forças da economia, da coerção e da política.

Para produzir e transmitir as formas simbólicas, o indivíduo que pretende realizar essa transmissão pode se valer de vários meios; aquele ao qual mais se lança mão é o meio técnico (veículos de comunicação de massa), pelo fato de atingir mais pessoas ao mesmo tempo, bem como por sua capacidade de fixação; ele é o substrato material das formas simbólicas. Enquanto elemento material, o meio técnico faz fixar a informação ou o conteúdo simbólico transmitido de um produtor para um receptor.

A entrevista que derivou para uma cena de pugilato entre apresentador e candidato, tema principal deste artigo, ao ser produzida para transmissão por uma emissora de televisão, configurava-se em uma enorme oportunidade para os dois lados da contenda fazerem o público espectador apreender as suas respectivas construções simbólicas. Como não houve bom senso ou equilíbrio emocional de lado a lado, a oportunidade acabou sendo perdida.

Quanto à importância da televisão nas campanhas políticas, é óbvio, e até de certo modo elementar, a preferência desse veículo, na atualidade, na difusão das ideias dos candidatos, dada a sua penetração nos mais diversos estratos sociais, bem como ao número de pessoas simultaneamente atingidas. Ao se postar à frente de um aparelho de televisão, no recôndito da sua residência, um eleitor se expõe a um grande número de candidatos. Ao mesmo tempo, esse eleitor vê passar diante dos seus olhos a situação do andamento da evolução de cada candidato, bem como assiste dia após dia os desdobramentos das campanhas, inteirando-se em tempo quase integral das novidades do período político. “Assim, participa cada vez menos dos comícios públicos, e é em sua sala de visitas que se informa e debate com os familiares as novas informações obtidas” (AVELAR, 1992, p. 45).

A decisão para o voto centra-se diariamente sobre novas bases, introduzindo mais um fator para a volatilidade do voto nas eleições com o domínio da televisão. Volatilidade e alto número de indecisos são, entre outros, um produto da campanha moderna centrada na televisão: as decisões podem ser deixadas para o final, porque sempre poderá haver um fator novo que irá influenciá-los. E é exatamente nesse clima que a televisão introduziu o clímax de uma campanha, o debate sobre os candidatos. Sem ele, o eleitorado não se informaria suficientemente sobre os mesmos. (AVELAR, 1992, p. 45)

Através das imagens produzidas pela TV, ainda no dizer de Avelar (1992, p. 46), “os políticos podem desempenhar, em curto espaço de tempo, funções diferentes como responder questões, caminhar pelas ruas, debater com a população, olhar e falar com a sua audiência”. A essas atividades, Avelar (1992, p. 46) chama de funções-símbolos, acrescentando que elas (as funções), “correspondem à crença de que, quando um político desempenha bem essas funções, ele também é portador de requisitos básicos para realizar com capacidade um governo representativo” (AVELAR, 1992, p. 46). Os candidatos sabem de tudo isso e, dessa forma, como consequência, fazem todo o possível para conseguir o máximo de minutos nas transmissões televisivas. Mas é importante frisar que não basta ao candidato se posicionar frente a uma câmera de TV para se alçar à condição de dono do coração do eleitor.

João Correia, o candidato da cena de pugilato na gravação da entrevista, além de desperdiçar a oportunidade de falar direto ao seu eleitor, provavelmente ainda perdeu algumas intenções de voto. Diferentemente do que se recomenda, quando se fala de funções-símbolos que devem ser desempenhadas pelos políticos, o referido candidato, ao se descontrolar, ante a advertência do entrevistador no sentido de interromper a gravação, demonstrou inaptidão para assumir-se como representante do eleitor.

Por último, discorrendo sobre a exacerbação do embate entre jornalista e candidato, cujo ponto de efervescência foi, aparentemente, a defesa de bandeiras políticas diferentes, faz-se necessário, mesmo que de forma absolutamente resumida, trazer para este artigo alguns apontamentos sobre a questão da ideologia.

No pensamento de Chauí (2006, p. 62), ideologia é um sistema de ideias ou representações ordenadas, bem como de normas e regras como algo separado e independente das condições materiais, visto que os teóricos não estão diretamente vinculados à produção material das condições de existência. A partir do nascimento dessas representações ordenadas, surge a ideia de um interesse geral ou comum, cuja materialidade se configura numa instituição denominada Estado. Este, por sua vez, embora apareça como entidade que materializa e representa o interesse geral dos seus

cidadãos, na verdade é a “forma pela qual os interesses da parte mais forte e poderosa da sociedade (a classe dos proprietários) ganham a aparência dos interesses de toda a sociedade” (CHAUI, 2006, p. 65). O estado, no dizer de Chui (2006, p. 66), é a “expressão política da sociedade civil enquanto dividida em classes. Não é, como imaginava Hegel, a superação das contradições, mas a vitória de uma parte da sociedade sobre as outras”.

Com essas características do Estado, não soaria contraproducente afirmar que, socialmente falando, mesmo que isso não seja percebido por muitos, tudo na vida das pessoas é ideológico. Sendo assim, talvez não seja apressado dizer que o poder da ideologia é o fator que move as ações e os pensamentos nos mais diversos substratos sociais, afetando de diversas maneiras todos os membros de uma sociedade, mesmo aqueles que insistem, por ignorância ou conveniência, a negar sua existência. Considerando-se como correto esse raciocínio, então, também não soaria estranho afirmar que a questão do hegemônico emana de forma direta do poder da ideologia.

4. Considerações finais

Ao demonstrarem a incapacidade de dialogar sobre determinado assunto, mesmo sabendo que estão sendo vistos por milhões de pessoas, de todos os sexos, credos, raças e idades, os personagens das agressões na tela da televisão, sejam os que incitam ou os que reagem, passam para o mundo a ideia de que determinados interesses são, de fato, inconciliáveis. E, sendo assim, sepultam a essência do diálogo e da comunicação.

Os casos relatados na primeira parte deste texto, envolvendo, respectivamente, Danilo Gentili x Roberto Justus e José Luiz Datena x senhor Carlos, além dos jornalistas jordanianos Shaker al-Jawhary x Mohammad al-Jayousi, são exemplos desses interesses inconciliáveis. São casos, por assim dizer, em que a mídia televisão não serve nem como instrumento de entretenimento, nem como fonte de conhecimento.

Isso não significa que programas que trazem no seu DNA a perspectiva do bizarro não tenham os seus adeptos. Constantemente aferidos pelas pesquisas, para saber quais os seus índices de audiência, esses programas proporcionam um bom retorno, inclusive do ponto de vista financeiro, para os seus produtores e apresentadores.

Especificamente falando sobre o caso da briga entre jornalista e candidato a senador, ocorrida na emissora de televisão do Acre, durante a campanha eleitoral de 2010, os desdobramentos das atitudes intempestivas dos dois personagens parecem

ainda mais nefastos. Mesmo que a gravação tenha sido interrompida antes do final e que a entrevista não tenha sido levada ao ar, a veiculação na internet, onde até hoje as imagens continuam disponíveis, com milhares de acessos contabilizados, levou ao conhecimento do mundo o quanto a proposta de um debate de ideias pode ser vilipendiada e os benefícios da exposição televisiva, conseqüentemente, desperdiçados.

Além do mais, vilipêndios à parte, do ponto de vista do referencial teórico aqui usado para a análise do fato, o citado incidente remete a, pelo menos, três conclusões.

Primeira: os dois envolvidos, ao desistirem do diálogo e partirem para a agressão física, demonstraram o quanto pode ser frágil o processo comunicativo e jogaram no lixo uma das premissas básicas da comunicação, que é o reconhecimento da importância do outro.

Segunda: ambos os contendores, entrevistador e entrevistado, esqueceram que o poder da mídia poderia dar um eco bem maior aos seus argumentos, se eles tivessem mantido a serenidade e levado a entrevista até o fim, levando-se em conta que a transmissão das formas simbólicas configura-se essencial na regulação da vida social.

Terceira: a televisão, ao tempo em que adquiriu uma importância absoluta para os políticos, servindo de palanque eletrônico para a difusão das suas propostas e para transportar os seus perfis aos mais distantes locais, também pode servir, em caso de destempero dos candidatos, para destruir suas pretensões eleitorais.

Qualquer que seja o caso, porém, a análise dos mais diversos fatos envolvendo a relação entre política e mídia indica que o aparato encarregado de difundir os fundamentos ideológicos da primeira não admite, em hipótese alguma, a exposição do discurso contraditório.

Por último, independentemente das questões ideológicas que perpassam a relação entre os diversos poderes (“econômico”, “coercitivo”, “político” e “simbólico”), é certo que, no caso do conflito relatado neste artigo, a emissora (seja por parte da produção, seja por parte do entrevistador) ignorou inúmeras das regras que devem ser levadas a cabo para o bom andamento de uma entrevista. Casos, a título de exemplo, na impossibilidade de citar todas, da regra que orienta o comportamento do entrevistador frente a um entrevistado hostil; e da que ensina como lidar com o entrevistado evasivo.

Confrontar de forma agressiva o entrevistado hostil é absolutamente contraproducente. “Não é papel do repórter polemizar com o entrevistado, buscar a empatia é sempre mais eficiente”, ensina Oyama (2013, p. 60). Mesmo que alguma

tensão seja bem vinda, ainda que em situações bem peculiares, recomenda-se ao entrevistador adotar um tom conciliador. Um entrevistado como João Correia, personagem do fato analisado neste artigo, que já deve ter chegado ao estúdio com o espírito armado, dado o pressuposto de que a emissora atendia os fins dos adversários políticos dele, precisaria ser tratado previamente com o maior cuidado possível. Talvez, até, com alertas sobre a proposta e o formato da entrevista, que ele aceitaria ou não.

Quanto ao entrevistado evasivo, essa situação ocorre por conta de várias questões. O entrevistado pode deter informações que não pode ou não quer contar; pode não estar com disposição alguma para falar, só o fazendo por algum tipo de obrigação; e pode querer aproveitar a oportunidade para expor ideias que não sejam exatamente o objeto das perguntas feitas pelo entrevistador. Esse último aspecto ficou patente na entrevista que se transformou em pancadaria na TV acreana, objeto deste artigo. O que deve ser feito por parte do entrevistador, em casos assim, é chamar a atenção do entrevistado para um retorno à pergunta. Quando isso não surte efeito, pelo menos o telespectador percebe que o entrevistado não respondeu nada do que lhe foi perguntado.

5. Referências bibliográficas

- AVELAR, Lúcia. **As eleições na era da televisão**. Artigo, in Revista de Administração de Empresas. São Paulo, 32(4): 42-57, 1992.
- BAUDRILLARD, Jean. **Tela total**: mito-ironias da era do virtual e da imagem. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- MEDEIROS, Suellen de Queiroz. **TV Cidadã**: uma análise do programa Cidade 5 na contribuição do exercício da cidadania na cidade de Rio Branco-Acre. Monografia. Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, 2007.
- OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. São Paulo: Contexto, 2013.
- PINHEIRO, Francisco de Moura. **A invenção da florestania**: a participação da mídia acreana na construção de um novo discurso ideológico. Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 2013.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução: Leonardo Avritzer. Petrópolis: Vozes, 1998.
- WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. Tradução: Vanise Pereira Dresch. São Paulo: Paulus, 2006.

Endereços eletrônicos consultados

- <http://www.topicos.estadao.com.br/siria>
<http://www.onu.org.br/siria/>
<http://www.oglobo.com/mundo>
<http://www.youtube.com/watch?=&EfcOZXz1aI8>
<http://www.youtube.com/watch?v=savAVLuKJW4>
<http://www.youtube.com/watch?v=XuCxYPga4xs>